



Revista Eletrônica Acolhendo a Alfabetização
nos Países de Língua Portuguesa
ISSN: 1980-7686
suporte@mocambras.org
Universidade de São Paulo
Brasil

Mont' Alverne Braun Chaves, Iduina; de Rezende Cozzi, Tânia
Acolhendo o diálogo entre Letramento e Literatura Infantil
Revista Eletrônica Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa, vol. II, núm. 3,
setembro-fevereiro, 2008, pp. 63-75
Universidade de São Paulo
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87920305>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

Acolhendo o diálogo entre Letramento e Literatura Infantil

Embracing the dialogue between Literacy and Children's Literature

**Iduina Mont'Alverne Braun CHAVES
Tânia de Rezende COZZI**

RESUMO

O objetivo deste trabalho é discutir **Letramento e Literatura Infantil** apresentando uma coleção de oito livros, de nossa autoria, que têm contribuído para o aprendizado da leitura e da escrita em escolas brasileiras. Nas histórias de *Beto e Bia* é possível encontrar encadeamentos variados para que as crianças percebam que o texto escrito é uma forma de representar a realidade. Este estudo será fundamentado nos trabalhos de Morrow, Ruddell, Kleiman, Soares, Bakhtin e Vygotsky, dentre outros. Textos de crianças construídos a partir da leitura das histórias de *Beto e Bia* ilustrarão esse artigo mostrando que aprender a ler e a escrever, mas sobretudo, fazer uso da leitura e da escrita transformam o indivíduo levando-o a uma outra condição social, cultural, cognitiva e lingüística, entre outras.

Palavras-chave: leitura e escrita, letramento, literatura infantil.

ABSTRACT

The objective of this work is to discuss **Literacy and Children's Literature** presenting a collection of eight books, of our authorship, that has contributed for learning of the reading and the writing in Brazilian schools. In books of the histories of *Beto and Bia* it is possible to find varied chaining so that the children perceive that the written text is a form to represent the reality. This study it will be based on the works of Morrow, Ruddell, Kleiman, Soares, Bakhtin and Vygotsky, amongst others. Texts of children constructed from the reading of histories of Beto and Bia will illustrate this article showing that to learn to read and to write but, over all, to make use of the reading and the writing is a transforming act that guides the individual to another social, cultural, cognitive, linguistic condition, among others.

Index Terms: children's literature, literacy, reading and writing.

Ler não é hábito. Ler é paixão.

(Ruth Rocha)

A Literatura não é, como tantos supõem, um passatempo. É uma nutrição.

(Cecília Meireles)

Se se quiser falar ao coração dos homens, há que se contar uma história. Desses onde não faltem animais, ou deuses, e muita fantasia. Porque é assim – suave e docemente – que se despertam consciências.

(Jean de La Fontaine)

Introdução

O objetivo desta comunicação é discutir **Letramento e Literatura Infantil** com base na experiência adquirida através do trabalho, em escolas brasileiras, com a *Coleção Beto e Bia* (1998), de nossa autoria, que tem contribuído para o aprendizado da leitura e da escrita, e que se destina à criança que está aprendendo a ler. Com a preocupação de ir ampliando progressivamente o universo lingüístico, afetivo, social e cultural das crianças, os temas abordados são retirados do cotidiano infantil, partindo das relações familiares e de vizinhança, depois as escolares, chegando, assim, a um universo mais amplo, representado pela vida em comunidade. Os textos claros, poéticos e divertidos, são contextualizados com situações reais vivenciadas por meninos e meninas que, como Beto e Bia, participam ativamente do mundo atual. A leitura das ilustrações permite que os pequenos explorem os múltiplos significados da imagem, dando possibilidade de que façam uso, além da leitura das imagens — através da oralidade — dos recursos expressivos do desenho, da pintura, da modelagem e dos movimentos corporais. A criança precisa da diversidade

de **linguagens** com as quais o ser humano pode expressar suas idéias e emoções. Nas histórias, é possível encontrar encadeamentos variados, para que as crianças percebam que o texto escrito é uma forma de representar a realidade. Ali estão as aventuras, os divertimentos, os problemas, os sonhos, as tarefas, os relacionamentos que existem em seu cotidiano, levando-as a ler o próprio mundo em que vivem.

Esse estudo será fundamentado nos trabalhos de Soares (1998), Bakhtin (1997, 1999) e Vygotsky (1988, 1991), entre outros. *Letramento* será entendido, aqui, como um conjunto de práticas sociais orais e escritas de uma sociedade, bem além do conceito clássico de alfabetização, que se limita ao ato mecânico da leitura e da escrita. Assim, letramento é entendido como prazer, lazer, ler em diferentes lugares e sob diferentes condições; é descobrir a si mesmo pela leitura e pela escrita; é descobrir alternativas e possibilidades; é descobrir o que você pode ser.

Textos de crianças construídos a partir da leitura das histórias de *Beto e Bia* (1998) ilustrarão essa comunicação, expressando o prazer provocado pela leitura, bem como ganhos culturais, cognitivos e lingüísticos.

Entendendo ser a escola uma das agências sociais de letramento, consideramos o livro de literatura infantil um meio de comunicação que traz, além de outras, importantes contribuições para a ação pedagógica do letramento.

1 Letramento

Em 1978, a Conferência Geral da Unesco estabeleceu que uma pessoa só é funcionalmente letrada quando pode participar de todas aquelas atividades nas quais o letramento é necessário para o efetivo funcionamento de seu grupo e de sua comunidade e, também, para capacitá-la a continuar

usando a leitura, a escrita e o cálculo para seu desenvolvimento e o de sua comunidade.

Tradução da palavra inglesa *literacy* (*the condition of being literate*), letramento é o substantivo que caracteriza a pessoa que domina a leitura e a escrita. Entendemos como fundamentais para esse trabalho a compreensão das duas principais dimensões do conceito de letramento: a dimensão individual, vista como um atributo pessoal, e a dimensão social, vista como um fenômeno cultural, um conjunto de atividades sociais que envolve a língua escrita, e de exigências sociais de uso da língua escrita.

Letramento é uma noção que pretende ir além do termo alfabetização, que se relaciona mais diretamente com o processo de codificação/decodificação de sons e letras e vice-versa. Muitos pesquisadores (SOARES, 1998, GOULART, 2001) têm se voltado para esse estudo e levantado questionamentos tais como: como alfabetizar letrando? Que agências, pessoas, instituições, objetos, histórias, definiriam/influenciariam as condições de letramento?

Nos seus estudos Goulart busca compreender os caminhos que as crianças percorrem para se tornarem alfabetizadas e faz uma reflexão sobre novas possibilidades de ação pedagógica com a língua escrita que favoreçam a formação de sujeitos letrados, afirmando que

[...] a formação desses sujeitos estaria intimamente relacionada à construção da autoria e da cidadania, na medida em que associamos estas condições à condição letrada, isto é, à inclusão e participação efetivas dos sujeitos no tecido social que se constitui com apropriação da chamada variedade padrão da língua e da linguagem escrita. (GOULART, 2001, p. 1)

Isso traduz o caráter ético-político do conceito de letramento relacionado à prática pedagógica nos espaços educativos.

As diferentes concepções de homem, de organização social e de educação no decorrer da nossa história, ocasionaram a adoção de conceitos de alfabetização que melhor atendiam às necessidades exigidas por determinados momentos específicos. Assim, podem ser atribuídos à

alfabetização conceitos referentes às suas características mais rudimentares que são a capacidade de aquisição mecânica das habilidades de leitura e de escrita, ou conceitos que se referem à capacidade de compreensão e utilização de materiais escritos, em situações diversas, enfatizando o caráter social da alfabetização ou sua funcionalidade. Para Goulart:

Uma das principais consequências que a análise da noção de letramento traz é a oportunidade de refletir sobre e criticar perspectivas e concepções de alfabetização. A atenção dedicada durante décadas aos métodos de alfabetizar, baseada em levar o aluno à descoberta de como se organiza o sistema alfabético da escrita, submete a oralidade a um segundo plano, ao colocá-la, de modo geral, como um mero apoio para a escrita, na compreensão da relação fonema-grafema. (GOULART, 2001, p. 98)

Bakhtin (1999, p. 113), porém, nos adverte que a experiência verbal individual do homem toma forma e evolui sob o efeito da interação contínua e permanente com os enunciados individuais do outro. As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos.

As teorias de Bakhtin e Vygotsky, relacionadas ao estudo da linguagem, consideram o homem como um ser essencialmente social e histórico que, na relação com o outro, em uma atividade prática comum intermediada pela linguagem, se constitui e se desenvolve enquanto sujeito. Para Bakhtin, o princípio constitutivo e condição fundamental para se conceber a linguagem é o diálogo. Daí a considerável importância da oralidade nesse processo. A experiência discursiva de cada pessoa se forma e se desenvolve em constantes interações com os enunciados individuais alheios. Assim, um enunciado está cheio de matizes dialógicos e o pensamento é constituído nessa interação dialógica com pensamentos alheios. Como nos diz Vygotsky (1988), ao mesmo tempo em que a linguagem é um fator importante para o desenvolvimento mental da criança, exercendo uma função organizadora e planejadora do seu pensamento, ela tem também uma função social e comunicativa. Por meio da linguagem a

criança entra em contato com o conhecimento humano, adquire conceitos sobre o mundo que a rodeia, apropria-se da experiência acumulada pelo gênero humano no decurso da história social e torna-se um ser singular.

2 Literatura Infantil e Letramento: as narrativas de Beto e Bia

A criança é essencialmente um ser que constrói e constrói menos manual do que imaginativamente. Ora, qualquer construção exige materiais exteriores ou construtores e o conto, sob qualquer das suas formas, é material de teor excelente para as criações da criança que, por meio delas, se constrói a si mesma.

(Cecília Meireles)

A Literatura Infantil sendo agente de conhecimento porque propicia o questionamento dos valores em circulação na sociedade, seu emprego em aula ou em qualquer outro cenário, desencadeia o alargamento dos horizontes cognitivos do leitor, o que justifica e demanda seu consumo escolar.

(Zilberman)



A literatura não abrange, apenas, o que se encontra escrito, embora seja essa a maneira mais fácil de reconhecê-la, pela associação que se estabelece entre “Literatura” e “Letra”. A Literatura precede o alfabeto e os iletrados possuem, também, a sua Literatura.

Os povos primitivos, ou quaisquer agrupamentos humanos alheios ainda às disciplinas de ler e de escrever, nem por isso deixaram de compor seus cânticos, suas lendas, suas histórias e expressaram sua experiência e sua moral com provérbios, adivinhações, representações dramáticas — vasta herança literária transmitida dos tempos mais remotos, de memória em memória e de boca em boca. (MEIRELES, 1984, p. 19).

O ofício de contar história é remoto. Os profetas já o mencionam. Por ele se perpetua a literatura oral comunicando de indivíduo a indivíduo, de povo a povo, o que os homens, através das idades, têm selecionado da sua experiência como mais indispensável à vida. Esses narradores anônimos

salvaram do esquecimento uma boa parte da educação da humanidade. Perrault, os Irmãos Grimm e outros coligiram narrativas que encontraram ainda sob a forma oral, entre agentes do povo, para que perdurassem escritas quando o último narrador houvesse desaparecido. Vale dizer que tudo quanto se aprendia por ouvir contar, hoje se aprende pela leitura.

Como procede a Literatura? A Literatura sintetiza, por meio dos recursos da ficção, uma realidade que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com o destinatário porque fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando, pois, a conhecê-lo melhor. Desta coincidência, entre o mundo representado no texto e o contexto do qual participa o leitor, é que emerge a relação entre ele e a obra.

O contato com a literatura infantil se faz inicialmente através de seu ângulo sonoro: a criança ouve histórias narradas por adultos, podendo eventualmente acompanhá-las com os olhos pela ilustração. É essa última que introduz a epiderme gráfica do livro, de modo que a palavra escrita apresenta-se, via de regra, como o derradeiro elo de uma cadeia que une o indivíduo à obra literária. Contudo, tão logo ela se instala no domínio cognitivo do ser humano, converte-o no leitor, isto é, modifica sua condição. Portanto, é a posse dos códigos de leitura que muda o *status* da criança e a integra num universo maior de signos, o que nem a simples audição, nem o deciframento das imagens visuais permitiam.

O crescimento da criança se faz por essa imersão no universo da palavra escrita, e seu desenvolvimento intelectual pode ser medido através de sua habilidade de verbalização dos conteúdos assimilados durante sua educação formal. Expressão escrita e domínio da leitura distinguem o indivíduo superior, submetendo a estas atividades os outros meios de apropriação da realidade: o auditivo e o visual.

No artigo *O texto não é pretexto*, Marisa Lajolo (1993) destaca que um dos grandes equívocos escolares é justamente a artificialidade com que o

texto literário é tratado, sendo um pretexto para o ensino da gramática, um exemplo para o ensino da história da literatura, ou de estilos literários, ou como provocadores de redações, através de exercícios atrofiantes. Para a autora, essa forma de abordagem “[...] pode transformar-se num modelo de leitura redutora do que o texto tem de mais essencial [...]” (ZILBERMAN, 1985, p. 53).

O uso da literatura infantil em sala de aula propicia o questionamento dos valores em circulação na sociedade (ZILBERMAN, 1985, p. 100), desencadeia o alargamento dos horizontes cognitivos do leitor. A Literatura sintetiza, por meio dos recursos da ficção, uma realidade que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. É desta coincidência entre o mundo representado no texto e o contexto do qual participa o leitor que emerge a relação entre ele e a obra. E abre possibilidades para sua própria autoria, para, no caso dos leitores iniciantes, a afirmação do seu processo de “letramento”, do ir-se tornando “letrado”.

É, também, a partir da interação social, da qual a linguagem é expressão fundamental, que a criança constrói sua própria singularidade. É usando a linguagem para inferir, generalizar, predizer, avaliar, tudo isso em um contexto social, político e econômico, que o indivíduo torna-se capaz de atuar num mundo em constantes transformações.

Num país com altos índices de analfabetismo como o Brasil, o precário e difícil acesso aos bens culturais coloca as camadas populares numa condição que, de início, já hierarquiza e marginaliza as condições de inserção no mundo da aprendizagem do ato de ler e escrever.

A alfabetização tornou-se um tema amplamente discutido atualmente, tanto no meio acadêmico como no meio social, e tem sido objeto de constantes pesquisas e análises em diversos campos do conhecimento. Estudos discutem, sobretudo, o ponto em que o processo alfabetizador fracassa: a formação de leitores e escritores realmente capazes, capazes de participar dos contextos social, político e econômico, prontos a

fazer uso da leitura e da escrita para atuar num mundo em constante transformação.

Como diz Goulart, nos seus estudos, a compreensão dos caminhos que as crianças percorrem para se tornarem alfabetizadas se realiza por meio da reflexão sobre novas possibilidades de ação pedagógica com a língua escrita que favoreçam a formação de sujeitos letrados:

[...] a formação desses sujeitos estaria intimamente relacionada à construção da autoria e da cidadania, na medida em que associamos estas condições à condição letrada, isto é, à inclusão e participação efetivas dos sujeitos no tecido social que se constitui com apropriação da chamada variedade padrão da língua e da linguagem escrita. (GOULART, 2001, p. 1)

Bakhtin e Vygotsky (1991), porém consideram o homem como um ser essencialmente social e histórico que, na relação com o outro, em uma atividade prática comum intermediada pela *linguagem*, se constitui e se desenvolve enquanto sujeito. Para Bakhtin (1997), como já foi dito antes nesse trabalho, o princípio constitutivo da linguagem é o diálogo. Os textos da *Coleção Beto e Bia* trazem a oportunidade de as crianças estarem em constantes trocas dialógicas com as outras crianças do seu grupo, bem como consigo mesmas, uma vez que o diálogo é interior também, promovendo a articulação interna de nossos pensamentos.

Nos trabalhos de crianças de nossas escolas (leitores iniciantes) feitos com base em nossos livros, fica claro que elas captaram o que o texto tem de mais essencial, podendo, assim, exprimir suas próprias interpretações a respeito das personagens e das situações vivenciadas por eles.

O livro *A Turma no Parque* (MONT'ALVERNE CHAVES; COZZI, 1998, p. 13) traz uma história que fala de uma formiga: “Uns trazem a comida, outros a bebida, que vão ser bem divididas. Mas tem que ter cuidado com a amiga formiga [...].” Usando o velho ditado “Quem quiser que conte outra.” (MONT'ALVERNE CHAVES; COZZI, 2002), coincidentemente o título de outro livro nosso, as crianças fizeram uma ligação imediata com a fábula de La Fontaine. Isto deu ensejo a que os menores se

expressassem através do desenho e os maiores, se posicionassem por escrito. São construções de algumas crianças:

A Cigarra e a Formiga

A cigarra cantou o verão todo e ficou dura.
No inverno a cigarra foi pedir comida para a formiga.
— Amiga formiga, pode me dar um pouco de comida
para eu sobreviver?
— Não te dou não porque você é preguiçosa.
— Por favor!
— Não!!!!!!

(Eduardo)

Eu achei essa história triste.
Eu venderia a comida para a formiga.

(Ádama)

Eu gostei desta história porque eu achei legal e divertida. Porque mesmo que a cigarra cante, ela também tem que trabalhar.

(Mariana)

O *Beto e Bia no Dia a Dia* (1997, p. 3-7) mostra uma situação em que Beto escova os dentes e Bia procura o pente: “O dia-a-dia de Beto e Bia começa com a luta da pia. Que agonia! Lava a mão! Passa o sabão! Escova os dentes! Cadê o pente?”. As crianças representaram a história lembrando que o pente também tem dente e escreveram:

O pente é usado para pentear e o nosso dente para mastigar. O pente serve para pentear os cabelos de manhã, de tarde e de noite. A gente precisa pentear o cabelo e a gente precisa sempre escovar os dentes.

(Daniela)

Nós gostamos desta história, porque tem rima e é interessante.

Mas o dente da gente é diferente.
A gente usa pente para pentear o cabelo da gente.
(Anna Luiza e Bruna)

Eu achei essa história com muitas rimas engraçadas e divertidas.

Eu vou fazer uma rima também:
O presidente usa detergente
Para escovar o dente.
(Eduardo e Jonathan)

As crianças, inspiradas pela leitura do livro *Quem quiser que conte outra* compuseram a seguinte letra de música:

Bis

Esse livro que eu li
É lindo, superlegal.
“Irado”, muito engraçado,
Maneiro...
Tem história atrapalhada,
Dou gargalhada.
Tem história de cigarra,
E de formiga.
Tem história de pente,
Que dor de dente!
Tem história de Rosa,
Maravilhosa.
Quem quiser que conte outra tão boa assim,
Conte outra para mim,
Tão boa assim.

O texto literário promoveu o diálogo com as crianças e elas escreveram os seus próprios textos, se tornaram autoras.

Considerações finais

A literatura infantil contribui significativamente para o letramento. Os textos normalmente usados nas cartilhas são textos pobres, não só de sentido, mas também das relações complexas que envolvem a linguagem como um todo. A literatura infantil, suprindo esta lacuna, é a ponte que liga as palavras ao sentido, à análise, à interpretação, à realidade, ao sonho.

A esse respeito Eliane Yunes, doutora em teoria da leitura, nos falou numa entrevista em janeiro de 2006:

Na escola, o que valorizo e preconizo é que a leitura tem que ser um objeto de provocação do desejo, provocação do imaginário, provocação da expressão simbólica. Ou seja, as crianças têm que encontrar uma imagem simbólica para dar conta do que elas sentem, do que elas percebem, do que elas sofrem diante de um texto, ou mesmo diante de um teatro, diante de uma música, diante de um palhaço, diante enfim, de um contexto. Por isso, falo no esforço de “desescolarizar” a leitura, porque o modelo de leitura escolarizada é esterilizante, ele tem respostas prontas, ele tem interpretações fechadas, ele tem respostas que já estão definidas, antes das perguntas serem feitas. Considero que a interação entre leitor e texto é a mesma que se dá entre literatura e vida. Se a literatura não traz para

sua vida perguntas que você responde com a sua experiência e com as outras múltiplas leituras que você tem, a função da literatura é ser medalha de intelectual, e isso é muito pobre para uma herança extremamente rica que é a literatura.

Desse modo entendemos que o texto literário deve ser visto como uma “viagem”, para que a relação entre ele e os leitores possa promover um diálogo prazeroso, um encontro entre o leitor e as personagens; para que possibilite interpretações e desdobramentos de idéias e sentimentos; para que todos partilhem o bem cultural que a leitura e a escrita representam. Porque isto é um direito de todos...

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail (1997). **Estética da Criação Verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- BAKHTIN, Mikhail (1999). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec.
- COZZI, Tânia; CASTRO, Sylvia; MONT'ALVERNE CHAVES, Iduina (1997). **Beto e Bia no dia-a-dia**. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio.
- _____ (2000). **Beto e Bia** (Coleção). 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
- _____ (2002). **Quem quiser que conte outra**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
- GOULART, Cecília (2001) **Letramento e Polifonia**: um estudo de aspectos discursivos do processo de alfabetização. III CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE LEITURA, Belo Horizonte.
- LAJOLO, Marisa (1993). **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ed. Ática.
- MEIRELES, Cecília. (1984). **Problemas da Literatura Infantil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- SOARES, Magda (1998). **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica.

YGOTSKY, Lev et al (1988). **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. São Paulo: Ícone.

YGOTSKY, Lev (1991). **Pensamento e Linguagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes.

ZILBERMAN, Regina (1985). **A literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Global Editora.

Autoras

Iduina Mont'Alverne Braun Chaves

Doutora. Universidade Federal Fluminense (UFF). Campus do Gragoatá – Faculdade de Educação Bloco D – Niterói-RJ.

Endereço Residencial: Rua Senador Vergueiro, 159, ap. 802 – Flamengo – Rio de Janeiro – RJ – 22230-000.

iduina@globo.com

Tânia de Rezende Cozzi

Mestre.

Endereço Residencial: Rua Álvaro Ramos 105, ap. 907 – Rio de Janeiro – RJ – 22280-110

cozzitania@yahoo.com.br

Como citar este artigo:

CHAVES, Iduina Mont'Alverne Braun e COZZI, Tânia de Rezende. **Acolhendo o diálogo entre Letramento e Literatura Infantil**. Revista ACOALFAplp: Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua portuguesa, São Paulo, ano 2, n. 3, 2007. Disponível em: <<http://www.mocambras.org>> e ou <<http://www.acoalfaplp.org>>. Publicado em: setembro 2007.